

O alquimista: um “sujeito periférico” no circuito do empreendedorismo social

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.214437>**Henrique Costa**

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento | São Paulo, SP, Brasil
hen.costa@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1966-8388>

RESUMO

Com base na interlocução com um empreendedor social e “sujeito periférico” da zona Sul de São Paulo, abordo neste artigo as contradições do empreendedorismo enquanto prática na experiência popular. Sob o impacto das mudanças sentidas na periferia na sequência das transformações no mundo do trabalho e no acesso ao consumo, o relato de João Vicente expõe uma renovação do ativismo em diálogo com formas de empreendedorismo social. Oprimidos pelo mundo do trabalho e movidos por uma utopia de liberdade, jovens periféricos se veem enredados entre a precariedade de suas alternativas e a necessidade de gerar renda. O núcleo do texto acompanha a trajetória de João Vicente e seus itinerários entre classes sociais, cultura periférica e engajamento político. Por fim, concluo que a adesão ao empreendedorismo entre jovens periféricos é resultado das novas condições de sociabilidade nas periferias urbanas entre sofrimentos e expectativas do futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Empreendedorismo social,
Periferias urbanas,
Cultura popular,
Etnografia

The alchemist: a “peripheral subject” in the social entrepreneurship circuit

ABSTRACT Based on the dialogue with a social entrepreneur and “peripheral subject” from the south of São Paulo, I address in this article the contradictions of the practice of entrepreneurship in popular experience. Under the impact of the changes felt in the periphery following the transformations in the world of work and the access to consumption, João Vicente's account reveals a renewal of activism in dialogue with forms of social entrepreneurship. Oppressed by the world of work and driven by a utopia of freedom, peripheral young people find themselves caught between the precariousness of their alternatives and the need to generate income. The core of the text follows the trajectory of João Vicente and his itineraries between social classes, peripheral culture and political engagement. Finally, I conclude that the adoption of entrepreneurship among young people from peripheral areas is the result of new conditions of sociability in urban peripheries between suffering and expectations for the future.

KEYWORDS

Social entrepreneurship, Urban
Periphery, Popular culture,
Ethnography

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga como a sociabilidade e as formas de reprodução da vida na periferia se renovaram através do apelo contemporâneo ao empreendedorismo. Para isso, destaca a trajetória de um interlocutor qualificado – um adulto jovem, empreendedor social e “sujeito periférico”. Morador da periferia da zona Sul de São Paulo, João Vicente¹ teve sua juventude marcada pela influência da cultura periférica e do hip hop, ao mesmo tempo que, desde cedo, esteve no escopo das primeiras iniciativas de formação para o empreendedorismo social de uma importante organização social (OS) local. Seu caso revela ainda a tensão entre outros dois caminhos conhecidos nas periferias urbanas, o do mercado de trabalho em sua precariedade constitutiva e o do mundo do crime, ambos incidindo em dinâmicas individuais e familiares permeadas pelo universo do consumo.

No entorno do *coworking* idealizado por João no distrito do Campo Limpo, trabalhadores por conta própria, pequenos comerciantes, trabalhadores de aplicativos e vendedores ambulantes se intercambiam em espaços não alcançados pelo progresso prometido pelo “mundo fordista” e pelo trabalho fabril (Telles, 2006). Os exemplos existem aos milhares e, eventualmente bem-sucedidos, se identificam entre si pela necessidade de *gerar renda*. Consciente disso, a aposta de João foi pelo “debate econômico” e no caminho alternativo que ele acredita haver neste tipo de empreendedorismo combinado com ativismo. Distante do ideal descrito na mídia ou nos manuais de autoajuda (Leite; Mello, 2008), em contextos populares o empreendedorismo se reveste de condições concretas de fuga do sofrimento causado por empregos precários e imobilidade social (Costa, 2022). Tais modelos de empreendedorismo compartilham, contudo, a característica fundamental de permitir imaginários presentes de situações futuras².

Nesse contexto se move o sujeito periférico, este que se tornou, a partir da tese de Tiarajú D’Andrea (2013), um tipo ideal do jovem da periferia que participa de movimentos culturais, é engajado politicamente e circula pelos saraus da zona Sul exaltando sua origem e pertencimento³. No hip hop, no samba e na literatura marginal encontraram seu meio de expressão (D’Andrea, 2013; Nascimento, 2010), mas hoje outras formas de interação compartilham aspectos dessa cultura periférica, e esses sujeitos políticos veem-se circulando pelo ecossistema quase inescapável do empreendedorismo social e suas redes de sociabilidade sem fronteiras.

Não é apenas a fuga da precariedade que move João, mas sua energia utópica se manifesta de maneira contraditória. A despeito de seu perfil ativista ter como referência os movimentos sociais urbanos de outrora (Sader, 1988; Caldeira, 1984), as condições de engajamento não são as mesmas: não há mais, por exemplo, o confinamento físico ou virtual aos territórios populares que durante as últimas décadas do século XX ajudaram a estabelecer solidariedade local (Durham, 1988)⁴. Circulando

¹ | O nome do interlocutor foi alterado.

² | Segundo Jens Beckert (2013), a maneira como esses sujeitos buscam estabelecer conexões entre tais incertezas e estados futuros acontece através de uma *ficcionalização*, que, ao assumir forma narrativa, possibilita imaginários presentes de situações futuras que orientam a tomada de decisões, a despeito da incerteza que lhe é inerente.

³ | Esta etnografia observou, por exemplo, que se tornara comum a referência ao empreendedorismo social em saraus e mostras culturais, assim como a presença de artistas periféricos em eventos de impacto social. Segundo Nascimento (2010: 118), “a conformação de uma cena cultural nas periferias está diretamente ligada às intervenções literárias e políticas de escritores identificados com a chamada literatura marginal ou periférica”.

⁴ | Em fins da década de 1980, Durham (1988: 174) apontava esta distinção: “a casa ou o apartamento, isolados e autossuficientes, limitam um espaço social que não é complementado pela vizinhança. Na periferia, ao contrário, a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade”.

entre periferia e centro, entre bairros pobres e ricos, João Vicente incorpora a indisposição dos sujeitos periféricos com o destino precário que o mercado de trabalho lhes reserva e com a violência policial, mas suas insatisfações não extravasam como luta coletiva, ilustrando as transformações recentes na sociabilidade periférica – ou, parafraseando Durham (1988), como a sociedade é vista pela periferia.

Desde os anos 1970, a produção acadêmica sobre periferias urbanas busca interpretar as maneiras como indivíduos e famílias das classes populares fazem o “debate econômico”, como enfrentam a insuficiência de renda e buscam melhores condições de vida. O projeto familiar de ascensão social, conquistada a casa própria, se direciona assim para os filhos, de quem se esperam a dedicação aos estudos e a “passagem para um trabalho não manual ou manual de alta qualificação, ou outro, ainda mais difícil, de abrir um ‘negócio’” (Durham, 1988: 187). Por sinal, em Caldeira (1984), o trabalho autônomo era visto positivamente, por mais que a “realidade” – os obstáculos da sociedade – se contrapusesse ao “modelo” – deixar de trabalhar para os outros. Naquela época, contudo, a autora observa que a crença na possibilidade de trabalhar por conta própria era reiterada apenas por aqueles poucos casos de sucesso que permeiam o imaginário das classes populares, aquele “alguém que já subiu na vida”.

Se, por um lado, o cenário de desigualdade estrutural se mantém, os desafios para se alcançar o progresso familiar para a geração de João Vicente são bastante diferentes e ajudam a fortalecer a utopia empreendedora. Enquanto entusiasta e divulgador do empreendedorismo social, João não fez grandes esforços por um diploma universitário, mesmo em tempos de políticas públicas reforçadas para jovens como ele (Costa, 2018); além disso, seu estilo de vida já é uma consequência direta das transformações urbanas vividas pela periferia nos anos 2000, onde novos “enclaves fortificados” (Caldeira, 2000) surgiram e onde João agora vive com sua esposa e filha no distrito do Campo Limpo, pago a prestação.

João conseguiu através do empreendedorismo uma ascensão notável, o suficiente para tirá-lo da favela e levá-lo para um condomínio da “nova classe média” periférica e suas novas possibilidades de consumo (Cardoso; Préteceille, 2017). Sua vida e seu discurso ainda giram em torno da periferia, contudo, por mais que seu itinerário o leve frequentemente para o Centro ou para a zona Oeste. Daí que o antagonismo com o “zé povinho”⁵ é um novo capítulo da incongruência da busca da igualdade entre os pobres, “ciosamente buscada e patrulhada na trama da sociabilidade local” (Zaluar, 1985: 124), e que não advém do fato de João ser uma variação do trabalhador autônomo, mas dos seus hábitos e das pessoas que vêm a frequentar seu espaço, como celebridades, políticos e canais de televisão.

A despeito de com frequência se posicionarem contra governos e políticos à direita, não é a conjuntura política que norteia a atuação de empreendedores sociais como João Vicente, muito mais preocupados em criar estratégias de sobrevi-

5 | “Zé povinho” é uma expressão popular na periferia que designa, em tom depreciativo, o sujeito simples e adepto da fofoca e da inveja.

vência/emancipação independentemente do governante de plantão e da crise econômica, que faz escassear o dinheiro que circula na periferia, mas desaparece nos seus discursos engajados. Por um lado, o empreendedor social se coloca como linha de frente do projeto modernizador do qual fazem parte os negócios de impacto social⁶; por outro lado, ele incorpora um anseio de desmercadorização das relações e de inconformismo com os abusos e explorações do mundo de trabalho, abrindo futuros imaginados para sujeitos periféricos décadas depois do surgimento de seus precursores.

6 | Apesar de terem significados ligeiramente diferentes no debate especializado, para o propósito deste artigo os termos *empreendedorismo social* e *negócios de impacto social* são usados como sinônimos.

Este artigo é resultado da etnografia que desenvolvi em meu doutorado, na qual conduzi observação participante em ruas de comércio, eventos de impacto social e cultos religiosos na zona Sul de São Paulo. Além desta introdução, o texto divide o relato etnográfico em três partes. A primeira apresenta nossa personagem em seu contexto, descrevendo detalhadamente a trajetória que o levou ao empreendedorismo social. A segunda seção adentra seu “debate econômico” e os acontecimentos que serviram para estruturar seu raciocínio, servindo-lhe de justificação. Na parte seguinte, acompanhamos João Vicente se equilibrar entre os dois lados da ponte, a periferia como lugar de potência cultural e política e de crescentes diferenças internas, e a classe média de São Paulo e suas redes de impacto social. Por fim, guardo algumas linhas para as considerações finais, localizando o *ethos* de João no emaranhado das transformações urbanas, na sociabilidade e na política contemporânea.

UM EMPREENDEDOR SOCIAL

Era uma tarde chuvosa de fevereiro de 2019 no bairro da Bela Vista, na região central de São Paulo, quando conheci João Vicente, um jovem negro então com trinta anos de idade e referência em ascensão do empreendedorismo periférico. Em uma oficina em que participava como palestrante no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP, ele foi observado por um público não especializado composto majoritariamente por senhoras de classe média, interessadas em alternativas de alimentação saudável. A primeira expositora, que coordenava uma ONG na zona Oeste, parecia bastante familiarizada e se deslocava com fluidez, mas seu sucessor precisou se esforçar um pouco mais para trazer a periferia para o centro. Perguntado por uma das ouvintes sobre como se definia – ela demonstrava certo espanto por não o conhecer –, João respondeu de braços abertos com um gracejo inesperado: “Eu sou um alquimista!”.

Acostumado a lidar com todo tipo de personagens que habitam o universo do empreendedorismo, da avenida Faria Lima ao extremo da zona Sul, João Vicente viu sua trajetória ganhar uma direção definidora ao criar seu *coworking* no Campo Limpo, ao qual se dedica integralmente. Seu *ethos* empreendedor foi beneficiado

pelas dinâmicas cultural e econômica, que tiveram um impulso decisivo no contexto do lulismo com dois programas concomitantes do governo federal: os Pontos de Cultura, iniciativa do Ministério da Cultura de estabelecer convênios com projetos culturais locais através de editais públicos; e parcerias com a então Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes). Em uma delas nasceu no Jardim Maria Sampaio o Banco Comunitário, que, a partir dos princípios defendidos pela secretaria, tinha como meta estabelecer trocas de serviços através de moeda social própria. O *coworking*, transformado em agência de empreendedorismo social, foi, assim, constituído a partir dessa experiência reunindo coletivos e profissionais da produção e circulação local de cultura.

João responde a um critério básico presente na tese do sujeito periférico, o de que “ao não mais se sentirem representados por organizações políticas clássicas, como partidos, sindicatos e movimentos sociais, passam a fazer críticas sociais e a se organizarem politicamente por meio de coletivos de produção artística”, reivindicando a legitimidade da representação de sua realidade (D’Andrea, 2013: 136). Mas ele também faz parte de um contexto em que a atuação “é uma invenção, as ideias surgem e são postas em prática conforme as novas demandas apareçam” (Bergamin, 2015: 150), uma marca do empreendedorismo social. De fato, com sua performance na área da cultura consolidada, a agência passou a se dedicar também ao conceito de alimentação saudável que grassa nos circuitos da classe média, instalando na garagem do imóvel um armazém de orgânicos de produtores locais e, posteriormente, investindo no restaurante que sua mãe passaria a comandar com a reforma do quintal, viabilizada por um *crowdfunding*⁷.

Carismático e acelerado, João Vicente já foi matéria da revista *Piauí*, dos principais jornais de São Paulo, apareceu em telejornais da Rede Globo e foi capa com sua mãe da revista *Veja SP*, e contava à época com uma fila de dezenas de empreendedores que esperavam fazer parte de seu *coworking* – indicativos fortes de sua relevância no cenário local e que justificam o destaque que João tem neste artigo. É provável encontrá-lo vestindo camisa com estampas de inspiração afro e calça ou bermuda da marca de roupas Fundão, de empreendedores da favela de mesmo nome. Alto, ele se aproxima para falar com o interlocutor “na chinha”, mas frequentemente é interrompido pelo celular ou por algum conhecido (ou admirador), com quem articula ideias surgidas naquele momento, e encerra a conversa quase sempre com variações da frase “Você tem meu *WhatsApp*?”.

Não foi beneficiário de nenhuma política pública, começou um curso de Administração de Empresas em uma faculdade privada, mas não chegou a concluir quando o dinheiro faltou. Em um projeto social, João recebeu educação formal e começou a se interessar por empreendedorismo. Em 2018, foi selecionado para participar do RenovaBR⁸, cuja bolsa ajudou a pagar a dívida da casa onde hoje funciona a agência e que corria o risco de perder para credores.

7 | Por sinal, a reforma e a metamorfose dos usos da casa sugerem uma *qualidade* diferente que ela passa a exibir (Cavalcanti, 2009).

8 | Grupo “pró-renovação política”, também conhecido como “*startup* política”, que concede bolsas para quem quiser se candidatar ao Legislativo e mantido com doações de empresários.

Sua marca registrada é a exortação incansável de que a economia está na essência da conduta do jovem na periferia. “A gente vem de uma origem muito humilde, assim, então desde cedo o jovem da periferia é... como eu posso dizer, provocado a gerar renda, né.” Com disposição e paciência ferrenhas, seu objetivo no encontro do Sesc-SP, assim como em praticamente todos os espaços em que participa no Centro ou nos bairros da zona Oeste, era, como ele mesmo define, “pragmático”: ganhar apoiadores e pessoas dispostas a levarem recursos para o outro lado da ponte, consumindo alimentos locais, prestigiando os artistas da periferia e comparecendo a seus eventos. O principal deles é o Festival que o *coworking* promove anualmente no Campo Limpo com dezenas de empreendedores, de produtores de alimentos orgânicos a estilistas, chefs de cozinha conhecidos nos principais restaurantes da cidade e shows com artistas iniciantes e famosos identificados com a periferia.

O périplo de João Vicente pelo circuito do empreendedorismo social da cidade começou com quinze anos de idade, quando foi pela primeira vez para a Vila Madalena para um evento sobre negócios de impacto social. Apesar de ter como principal lembrança da ocasião o “enquadro” que tomou de um vigia que fazia a segurança da rua, ele não se intimidou. João já frequentava havia cinco anos o Projeto Rede⁹ e se destacava nas aulas de empreendedorismo; ainda por essa época ele inscreveu seu primeiro projeto de educação ambiental e captou 20 mil dólares, que se converteram em um programa pioneiro de descarte correto de lixo com foco no córrego Pirajuçara.

9 | O nome da instituição foi alterado.

No exemplo do Rede, a maioria dos adolescentes que procura os cursos oferecidos quer uma qualificação tradicional, pois “chega perdido” e “desconhece seus talentos”. A informação que me chega por um de seus gestores é a de que a cultura das famílias na periferia ainda não é “empreendedora”; o estímulo é para que seus filhos arrumem um emprego o quanto antes – resquício do remoto projeto familiar de ascensão social (Zaluar, 1985; Durham, 1988). De modo que, para este interlocutor, não é a técnica que deve ser buscada, pois “mais importante nesse momento é ampliar sua visão, recuperar a autoestima e sua capacidade de *sonhar*”. É onde se encaixa a trajetória de João Vicente, assim descrita por Tommasi:

Trabalhar com o que se gosta e o que se sabe fazer parecia, para muitos daqueles jovens, ser sinônimo de trabalhar com “arte e cultura” e como trabalhador autônomo. Hoje, com a multiplicação de editais e cursos de formação que visam promover “jovens empreendedores culturais”, parece que os desejos daqueles jovens estejam se concretizando. Tornar-se um “trabalhador da cultura” parece ser uma “oportunidade” que se abre mesmo para os jovens de classe popular. Uma alternativa alcançável para escapar ao desemprego ou ao emprego em funções subalternas. Uma alternativa, inclusive, que não está sujeita à necessidade do diploma universitário para conseguir um nível de remuneração decente (Tommasi, 2015: 101).

Eixo de um fenômeno global de “capitalismo ético”, o empreendedorismo social faz parte de iniciativas destinadas a promover “pequenos mundos de desenvolvimento”, sustentados por políticas de microcrédito e estímulo ao microempreendedorismo (Roy, 2010; Sposito, Corrochano, 2005). Em favor do seu espraiamento, o movimento global de informações e pessoas, tanto através da mídia eletrônica quanto das migrações em massa, atuou para difundir narrativas de batalhadores que, a partir delas, compartilharam imaginários de ascensão social. Como observa Appadurai (1996: 1-8), “a globalização diminuiu a distância entre as elites, mudou as relações-chave entre produtores e consumidores, quebrou muitos vínculos entre trabalho e vida familiar, obscureceu as linhas entre locais temporários e ligações nacionais imaginárias”¹⁰. A globalização proporciona aspirações para pessoas que vivem realidades de pobreza, fazendo o sucesso parecer alcançável, implementando práticas modernas e aprofundando rupturas e transições com o espaço de experiência popular (Koselleck, 2006; Beck, 2011).

10 | Appadurai (1996) se refere ao que ele chama de “comunidades de sentimento” e que reinterpreta da conhecida tese de Benedict Anderson: tanto como os jornais e revistas no final do século XIX ajudaram a formar um imaginário coletivo (e nacional) entre pessoas que nunca se conheceram, outras formas de comunicação eletrônica contemporâneas não precisam se limitar às fronteiras do Estado-nação.

Mas não só de miragens viveu João, e, possivelmente, sem tal perseverança sua trajetória poderia ter sido distante das capas de revista e mais próximo de outros dois destinos bem conhecidos para ele, o do trabalho precário e o do mundo do crime, que afinal marcaram sua vida e de toda a família. Ele teve sua primeira ocupação aos onze anos, laborando num parquinho de diversões em que também trabalhava sua irmã mais velha. “Trabalho braçal, situação muito deplorável”, diz a respeito da montagem e desmontagem dos brinquedos. Os dez reais que ganhava por dia trabalhado João deixava com sua mãe, e a certa altura eles conseguiram “bater a laje” da casa dela, que ainda morava no município vizinho de Embu das Artes naquela época. Para João este foi um primeiro contato com a necessidade da geração de renda, “desde muito cedo”, como ele diz. Tanto para ele quanto para o restante da família, que tomou caminhos diferentes.

RESULTADO ECONÔMICO

Para o irmão mais novo, foi o desejo do consumo que brilhou, para o qual o trabalho precário não dava esperança alguma. Nos idos de 2011, o rapaz foi morto pela polícia depois de um assalto a banco; ele já estava havia alguns anos envolvido com roubos. “E, mano, a bala passou perto, pegou meu irmão e me passou, tá ligado? Eu tava lá no banco comunitário. ‘Saidinha de banco’ e eu tava no banco comunitário! Entendeu os *bagulho*?” A metáfora que João faz sobre a bala que “passou perto” aponta para as experiências que ele e o irmão, apenas um ano mais novo, tinham em comum, mas o que o salvou foi um certo comedimento em contraste com o encanto do mais novo diante do mundo do consumo.

João àquela altura já estava engajado no Banco Comunitário e colhia seus pri-

meiros êxitos como empreendedor social, mas estava longe de uma vida de luxos que, aliás, nunca chegou a ter. À crueldade da polícia, que matou o irmão com onze tiros, se seguiu a dos ex-colegas de roubo dele, que buscaram pertences do garoto de dentro da casa da sua família como “ressarcimento” pelo trabalho malsucedido. João então se mudou com a mãe por um tempo para Ilha Comprida. “Medo de represálias?”, perguntei para ele, que, apesar de não ter dado resposta negativa, alegou que não queria compartilhar desse *resultado econômico*. “Por isso que a gente faz um debate econômico quando vai se falar de extermínio da juventude. Porque foi por economia: assim, ele quis comprar uma moto, tá ligado? Quis comprar um monte de coisas e quis fazer esse caminho mais rápido”.

De fato, sobretudo a partir dos anos 1990, o mundo do crime passa a disputar com o trabalho os anseios da juventude pobre. Em Gabriel Feltran (2011), a atração pela rápida ascensão social por meio do crime é vista como uma forma de distinção em relação à geração dos pais trabalhadores¹¹. Vera Telles e Daniel Hirata (2010: 46) analisaram os “circuitos superpostos de ilegalismos novos, velhos ou redefinidos, entre expedientes de sobrevivência, o trabalho irregular, pequenos empreendimentos locais e os negócios do crime”, que perpassam pontos de vendas de drogas ilícitas, desmanches de carros etc. Por trás disso, uma nova disposição para o mundo do consumo entre esses jovens a rigor excluídos dele (Pereira, 2014; Pinheiro-Machado, Scalco, 2018).

Tanto o convívio e os cursos do Projeto Rede quanto o episódio envolvendo seu irmão teriam “virado uma chave” na cabeça de João Vicente, que hoje se orgulha de ter sido o “primeiro jovem empreendedor do Rede” e da atividade em que se mantém. Mas se o caminho mais rápido tomado pelo irmão “bandido” permitiu a ele *viver como um rei* (Hirata, 2011) por um período muito breve e que seria interrompido bruscamente, a trajetória do irmão empreendedor promete algo pelo menos próximo disso? Ex-morador do Jardim Maria Sampaio, João se mudou para um condomínio no Campo Limpo com a esposa, a filha de um ano e o cachorro Martin, uma escolha condizente com uma nova classe média da periferia. Compartilha de um estilo de vida moderado, que abarca sua religiosidade (católica não praticante) e seu *habitus*, que em nada se assemelha ao de um rei (Bourdieu, 2009). Trabalho e lazer se misturam e ele é visto nos saraus da zona Sul articulando parcerias enquanto divide uma cachaça com limão e troca mensagens no celular. Ele tem uma ambição genuína de se tornar referência do empreendedorismo social, mas que não se converte em ostentação material: tudo que ganha acaba investido na agência, no restaurante e nas contas a pagar.

Apesar de não se esquecer de mencionar os temas do “racismo estrutural” e do “extermínio da juventude”, seu pragmatismo o impele a, como ele mesmo diz, “fazer o debate econômico”, isto é, a entender a condição da juventude da qual faz parte espremendo alternativas de geração de renda que, em último caso, os tirem da mira

¹¹ | Depoimentos notáveis nesse sentido podem ser encontrados no documentário *Notícias de uma guerra particular*, de Kátia Lund e João Moreira Salles, e nas letras dos Racionais MC's, sintetizadas no verso “Tempo pra pensar, quer parar/ Que cê quer?/ Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?”, de *Vida Loka parte 2*.

da polícia. Uma reforma das instituições seria bem-vinda, obviamente, porém inesperada, de modo que João escolheu atuar na ponta, onde os resultados podem ser concretamente percebidos.

Essas alternativas são, como é comum no discurso do empreendedorismo social, ambíguas. Seu sonho de tirar os jovens da *quebrada* do mundo do crime e da drogadição esbarra no que João chama de falta de “escala”. Seu *coworking* abre espaço para algumas dezenas de candidatos, em número insuficiente na opinião dele, que faz uma associação curiosa para o que almeja, uma espécie de *fastfood* de jovens empreendedores. Ele se mostra absolutamente ciente das suas limitações, assim como entende o mundo do trabalho contemporâneo atravessado pelo mundo do crime, entrelaçado a ele na própria subjetividade desses jovens que ele testemunha “trampando na biqueira” em busca da sociedade de consumo, o “subproduto do capitalismo” rodando a todo vapor.

Olha, mano, vou te falar que eu acho que tá até aumentando a morte dos jovens. Acho que o nosso trabalho não tem tanta... a gente não tem tanta *escala*. Meu sonho é ter escala, é você chegar aqui e só ter jovem trampando, tipo o McDonald's. Meu sonho é esse, é aí que eu vou ver que eu tô tirando o jovem mesmo do crime. Mas, mano, a gente é uma ponta de agulha, nós não fazemos nada, entendeu? O crime tem um “bagulho” que seduz o jovem de uma forma que ele entra... Hoje nós vamos numa biqueira, o jovem morre, amanhã já tem outro trampando. Sabe, mano... que nem nós, pra fazer um curso, não enche o curso, tá ligado? E eu vou falar pra você, mano, é muito jovem! A gente vê todo dia velório de jovem. Todo dia não, todo final de semana, porque é de fim de semana que acontece. Demais, mano. A polícia mata mesmo. E eu tenho amizades que não são só [*coworking*], é *gente da quebrada mesmo*. Então o *Facebook* deles é tudo assim, não é *Facebook intelectual*, tá ligado? (João Vicente, 2019).

É uma visão cética, no final das contas. João viu a violência bater à sua porta, entrar na sua casa e o expulsar para longe junto da mãe, a quem tem apego incondicional. Ao mesmo tempo, teve uma revelação com o incipiente empreendedorismo que se apresentava a ele através de um projeto social na periferia. Mas a experiência pessoal se combina à atenta observação da sua quebrada e de outras, que ele acessa pelos seus contatos espalhados pelo país e pelas redes sociais. No *Facebook* ele distingue os “intelectuais” dos amigos da quebrada, saturados de sociabilidade violenta (Machado da Silva; Menezes, 2019), sugerindo que o faz para não perder o contato com o chão social.

João percebe a necessidade de mostrar pelo menos um aperitivo desse “subproduto do capitalismo” para seus interlocutores. Convidado por ele, participei da vivência promovida pelo *coworking* em fevereiro de 2019. Doze pessoas, todas moradoras do Centro ou da zona Oeste, participaram da atividade, que começou com um café da manhã na própria agência¹². João Vicente nos serviu café, sucos, pães de

12 | Outro interlocutor da pesquisa, cuja produtora cultural instalada no Jardim Ângela também promove essas vivências, descreveu assim o público para o qual a atividade é destinada: “A galera branca, classe média alta, trabalha em empresas que dão uma condição legal de grana e que nunca vivenciou uma quebrada, nunca teve essa oportunidade, só conhece de jornal, revista, rádio, essa coisa toda”.

fermentação natural e frutas orgânicas, salientando a procedência periférica e sua disponibilidade no armazém de alimentação saudável que criou na garagem da casa. Na sequência, vestindo uma larga camiseta preta estampada com o ator Al Pacino em sua versão *Scarface*, seu sócio na agência nos faz uma apresentação sobre o Festival, e então partimos para uma caminhada pelo Jardim Maria Sampaio, colado ao município de Taboão da Serra.

Às portas da favela, João propõe uma atividade de sensibilização que todos prontamente seguem, naturalmente: nos damos as mãos e fechamos os olhos para nos “conectarmos” ao objetivo proposto, e logo depois libera a nossa entrada com um “disciplina” do PCC¹³. A chuva que caíra algumas horas antes ressaltava o aspecto de precariedade do local, onde uma imensidão de gatos molhados e esqueléticos circulava por entre os barracos e pelo emaranhado de cabos e fios.

A estetização da precariedade é acompanhada pelo discurso de superação: próximo ao hostil piscinão local, havia alguns anos antes acontecido uma enchente severa, que derrubara os muros de contenção do córrego que passa por ali. Reconstituídos, os muros foram decorados com grafites, colorindo as margens do córrego Pirajussara. De volta à agência, passamos por uma sessão de “descarrego” – ritual de exorcismo comum nos cultos pentecostais e que ainda causa espanto entre estratos sociais superiores –, antes de nos alimentarmos da feijoada vegana preparada por sua mãe. A alquimia de elementos simbólicos característicos da cultura periférica, mas com uma breve interrupção que delata a origem popular, se explica pelas múltiplas referências que conformam o empreendedor social, mas que também atendem ao interesse daquele público pelo exótico.

A referência ao pentecostalismo, contudo, se justifica pela sua sintonia com “os valores caros à ética profissional postulada pelo mercado livre e pós-social que se aloja no país nos anos 1990 do século XX” (Lima, 2008: 23), apesar de não explicitada por João. Não por acaso, a Igreja Universal do Reino de Deus encontra seu momento de crescimento vertiginoso “no período em que a exibição da glória dos ‘vencedores’ vem ocupar tanto espaço, e de modo tão insistente, nos meios de comunicação seculares” (Lima, 2008: 24), rompendo com a tradição cristã de ensinar os pobres sobre o sofrimento e atribuindo ao emprego assalariado uma fonte de humilhação.

O propósito desse tipo de sensibilização, que é promovido também por outros coletivos de cultura da periferia, é “construir pontes”. Eles são inspirados no Estágio Interdisciplinar de Vivência promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde 2003, geralmente em assentamentos modelo e com estudantes universitários como público-alvo – por sinal, uma bandeira do MST decorava o quintal da agência nas minhas primeiras visitas. No caso, são atividades mais curtas, de meio período e aos sábados, que comprometem pouco a agenda dos visitantes. Como veremos a seguir, esses intercâmbios promovidos por João têm significados também para a sua conduta individual para dentro e para fora da periferia.

13 | Na hierarquia do Primeiro Comando da Capital (PCC), o “disciplina” é responsável por garantir o cumprimento das regras elaboradas pela facção. Segundo Biondi (2014), a disciplina é sinônimo de ética para os “ladrões” e tem relação com o “certo”, que, por sua vez, nunca é definido de antemão.

ENTRE DOIS MUNDOS

Como percebi ao longo dos anos de pesquisa, é sobretudo nos fins de semana que as pontes são construídas, começando pelo Festival. João articula parcerias em tempo integral, mas o resultado delas se vê quando o tempo dos outros permite. Estive por dois anos consecutivos no Festival, que não voltou a ocorrer com a pandemia de Covid-19. A praça do Campo Limpo, bem próxima do terminal de ônibus, é bastante ampla e agradável, e os estandes dos expositores se espalham de maneira bem coordenada, divididos em corredores de gastronomia, moda e artesanato, exposições fotográficas, além das tendas de atrações infantis, roda de samba e rap e do palco principal, onde um grande show é realizado no período da noite. Também se notava naquela tarde a presença da chef Bel Coelho, bastante conhecida no circuito gastronômico da Vila Madalena, e do Greenpeace e seus voluntários.

Foi interessante observar que nesta edição de 2018, ocorrida em novembro, um público majoritariamente branco e de classe média aproveitava o domingo ensolarado, o que dava ao encontro um clima despreocupado e festivo. Já na edição seguinte, problemas de financiamento empurraram o Festival para dezembro, e o público reduzido foi notável, tanto visualmente quanto na avaliação de muitos empreendedores. Conforme a noite caía, a presença de moradores da região se destacava em relação ao ano anterior. Eu observava o movimento, quando um grupo de garotos atravessou meu campo de visão fantasiados de Coringa, o principal vilão dos quadrinhos do Batman. Enquanto isso, no palco o grafiteiro local Gamão animava o público que aguardava o show do rapper Rael com frases de estímulo ao empreendedorismo justificado como alternativa ao mundo do crime.

A dificuldade exposta nesse caso é que a ausência do público da zona Oeste cria um vácuo na sustentabilidade do Festival. De fato, cheguei a ouvir de um interlocutor qualificado que João precisava tornar seu negócio sustentável em todos os dias da semana e não depender tanto dos eventos. Por sinal, é diante do abismo do endividamento que ele e seus colegas se arriscam. Não é o valor da dívida que mais os preocupa, mas, como observa Viviane Fernandes (2019), dívidas são estigmas sociais, e a integridade de caráter é uma estima que se busca aos olhos dos outros, em especial as dezenas de empreendedores associados a eles e que também precisam destes eventos para sua própria manutenção.

Mas este é um sintoma evidente da atuação estratégica da agência, que é vender a periferia para os circuitos capitalizados da cidade que veem nela oportunidades de negócio ou de marketing social. Ainda em 2019, presenciei ele e o sócio comentarem sobre a dificuldade de organizar a edição seguinte do festival, pois ainda não haviam conseguido fechar as contas das anteriores e negociar com a prefeitura a disponibilização de palcos, banheiros químicos etc. “2017 foi foda, que a gente tá devendo até hoje. Vamos pagar, se Deus quiser este mês, os cinco contos que a gente

tá devendo de 2017 ainda”, reiterou João.

Apesar da convicção que exhibe quanto à sua vocação para o empreendedorismo, essas escolhas não foram fáceis para João, e ainda não são plenamente reconfortantes. Até os dezoito anos de idade, conta, ainda não sabia o que queria ser profissionalmente. Sua esposa tem um emprego com carteira assinada, que afinal garante a manutenção da casa, mas seu perfil moderníssimo de trabalhador/empreendedor confunde mais do que esclarece. “Pessoal acha que cê não tá trabalhando, que vivência é cachacinha. É também! Mas a arte do meu bagulho tá aí, entendeu?”.

Agora, com a filha ainda nos primeiros anos da infância, assuntos sem a mesma graça dos que partilha nos seus encontros começam a pesar nos seus ombros, a criar dissonâncias em sua narrativa. Naquele momento, um debate sobre uma nova reforma da Previdência se intensificava na *opinião pública*, o que parecia trazer à tona, para João, o lado imprevisível das suas escolhas, no caso o fato de que uma aposentadoria não virá tranquilamente para ele. Afirma que só iria para a CLT “se fosse por muito dinheiro mesmo, papo de 10 mil, 20 mil por mês”, mas sente a pressão para ter um diploma de ensino superior que deixou pelo caminho e que, com a responsabilidade de pai, agora parece fazer falta para quando precisar de uma ocupação que lhe pague pelo menos o suficiente.

Das situações de racismo que viveu no circuito de empreendedorismo, ele obviamente faz a denúncia, mas também responde de maneira contida e, mais uma vez, pragmática. Ele solta uma gargalhada nervosa quando conta das vezes em que foi confundido com um entregador ao chegar para uma reunião com empresários, e então mais uma ambiguidade aparece: não é para “os de cima” que ele aponta suas queixas, mas para os pequenos poderes daqueles que controlam as entradas e saídas, ou seja, trabalhadores que frequentemente convivem na mesma quebrada que ele. Às vezes aflora em João um sentimento de revolta, de dar um basta em situações que lhe são verdadeiramente humilhantes. Mas, em geral, sua resposta é manter o “profissionalismo” e “dar seu melhor”, e seu comedimento tem lhe valido a possibilidade de muitos outros convites, resultado do “cálculo” que faz entre a denúncia radical do racismo e a incerteza quanto às consequências disso para essas relações.

Mano, todo mundo [em determinado evento] parava pra falar comigo, eu não tinha um minuto de sossego. Minha boca doía, meu maxilar, de tanto que eu falava. Só que eu tô num momento da minha vida, com a minha filha, que eu não posso ficar pagando de “vida loka” no bagulho. Cê acha que eu não quero *meter o Mano Brown*? Mas não dá, olha o *bang* que nós tamos envolvidos, mano. O *bang* que nós tamos envolvidos é muito grande. Tem um cálculo. (João Vicente, 2019).

Há momentos em que João parece desanimado. Seu esforço de vender a periferia para o centro tem seus momentos de frustração, sobretudo quando um evento que ele articulou não tem a adesão “do outro lado da ponte” que ele esperava¹⁴. João espera atender as expectativas de quem procura o “autêntico” sujeito periférico, vítima da violência estatal, politizado nas lutas por reconhecimento, mas distante da “velha política”. E, evidentemente, o perfil empreendedor e otimista que, somado a outros como ele, promoverá a pacificação das quebradas. Aliás, a maneira como se refere aos seus vizinhos de periferia e aos universitários que visitam a periferia é curiosa. Perguntando sobre o impacto social que traz para a comunidade, ele usa os segundos como exemplo, que cruzam a ponte para conhecer sua tecnologia social – um sinal de que seu empreendimento tem alcance –, enquanto os primeiros ganham frequentemente o epíteto de “zé povinho”, à maneira dos Racionais MC’s. “Então o ‘zé povinho’ nos vê passando [na Rede Globo], não chama mais de vagabundo, entendeu? Falava que era bagulho de vagabundo, que era bagulho de maconheiro, que era bagulho de bandido... você foi lá, você viu!”

Seu desdém pelo “zé povinho”, em contraposição à tolerância que dedica aos atores do ecossistema de impacto social, denota que seu princípio de justificação (Boltanski; Thévenot, 2006) se orienta a partir de um universo particular que pode ter a periferia como alvo, mas cujas determinações vêm de outros lugares. Tal princípio prevê que, internamente ao sistema, opiniões e posturas são ajustadas, mantendo a situação “natural” daquele contexto em que são incluídos apenas os que compartilham da mesma natureza e ameaçados de exclusão aqueles que resistem a se encaixar nela (Boltanski; Thévenot, 2006). Ao estudarem um desses sistemas, chamado de “filantropocapitalismo” em sua etnografia conduzida no Brasil e no Reino Unido, Sklair e Glucksberg (2020: 10) observam uma sobreposição entre o gerenciamento de riqueza e o aconselhamento filantrópico¹⁵. Assim, em espaços como este – incluídos aí os negócios de impacto social –, a demanda por profissionalização não se restringe aos gestores e conselheiros, mas atinge empreendedores sociais das periferias com seus jargões e, principalmente, posturas e estilos de vida.

O impacto que parece valer a pena para João é o que é percebido pelo outro lado da ponte, mas ele mesmo reconhece que essa tal classe média que o visita no Campo Limpo é “meio *blasé*”, que não se impressiona muito com ações importantes na quebrada como pintar o muro de uma escola. Sugere, assim, que para levá-la até lá é preciso realizar eventos que sejam interessantes para ela, e não necessariamente para a periferia. O retorno para a periferia, espera ele, virá em outro momento e na forma de dinheiro e projetos, ou “contrapartida”, como prefere dizer. João vive, assim, entre dois mundos, e sua agência instalada bem no meio: quando se refere ao futuro do seu empreendimento, ele expõe uma visão utópica de um “Woodstock” da periferia, que é como todos que fizeram parte irão se lembrar.

Durante todo o tempo que acompanhei o trabalho de João Vicente, testemu-

14 | Uma dessas situações aconteceu em fevereiro de 2019 durante o “pré-carnaval”. Enquanto no bairro de Pinheiros as ruas eram tomadas por foliões e marchinhas, no Campo Limpo o clima era comum. Na agência, DJs se revezavam e o som ia do rap ao reggae, com algum soul e funk americanos. O público era baixo, e oscilava entre vinte e trinta pessoas, todas da região. João Vicente havia feito a divulgação de sempre pelas redes sociais, mas o esperado público da zona Oeste não compareceu.

15 | O objetivo no caso vai da redução de impostos a estratégias de “*succession planning*” – a filantropia como uma porta de entrada para “valores inclusivos”, persuadindo membros desagregados da família a unirem-se em torno de um projeto –, além de contribuir para sua boa reputação pública (Sklair; Glucksberg, 2020).

nhei seu talento para articular parcerias e, com seu carisma incomum, levar para a periferia nomes conhecidos no mundo do entretenimento, como jornalistas, atores, músicos etc. Em dezembro de 2021 foi a vez do chef Alex Atala fazer a sua aparição. No primeiro fim de semana do mês ele prepararia com a mãe de João um cardápio de moquecas de peixe e vegano, cujo propósito seria arrecadar recursos para projetos de combate à fome. O convite informava que era preciso fazer reservas, que seriam aceitas até as 17 horas. Em relação às minhas primeiras visitas, o profissionalismo da equipe chamava a atenção. Cheguei por volta de duas horas antes, e na minha mesa repousava um bilhete escrito à mão com o recado “Henrique Sociólogo” em caneta azul, mas o evento não estava lotado, apesar da presença em pessoa do chef, que circulava sorridente pelo local atendendo a pedidos de *selfies*. Conforme a tarde avançava e uma roda de samba se organizava, o evento ficava mais vazio, restando os manos de João, empreendedores da quebrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei analisar o perfil do empreendedor social e “sujeito periférico” João Vicente, por meio de suas experiências de vida. Essas duas identidades, que se inter cruzam em sua trajetória, representam uma convergência em que ele aparece como um tipo ideal, reunindo em um mesmo personagem o resultado da efervescência cultural da zona Sul de São Paulo, berço de saraus, literatura marginal e onde o movimento hip hop rendeu seus principais representantes, os Racionais MC's; por outro lado, ações globais de transformação social através da iniciativa privada passaram a circular através de organizações sociais (OSs), fundações públicas e privadas e pela própria cultura compartilhada intensamente pelas novas tecnologias, associadas, por suposto, ao empreendedorismo.

João Vicente é um personagem emblemático e foi escolhido para ilustrar este artigo porque, em certo sentido, foi bem-sucedido em apontar um caminho a mais para sujeitos periféricos como ele a partir de princípios empreendedores. Isso não implica que João ou outros empreendedores sociais da periferia sejam unanimidades, e que conformações identitárias associadas a outras variáveis, como a geração, não sejam igualmente importantes (Fontes, 2022). Por exemplo, suas animosidades com o “zé povinho” eventualmente distorcem essas combinações.

Contudo, ele de modo algum é um caso isolado. Além de circular com desenvoltura em eventos de empreendedorismo social pela capital e alhures, patrocinados por grandes empresas e fundações multinacionais, João não deixa de ser uma referência para a sua quebrada. O Festival que ele organiza anualmente reúne dezenas de outros empreendedores; ele também é uma figura carimbada em encontros tradicionais da cultura periférica – por exemplo, os saraus do Binho e do Cooperifa,

onde ele inclusive já foi homenageado em meados de 2019. Sobretudo, como conhecedor, liderança e articulador excepcional, personificando a “ponte” real e simbólica entre a periferia da zona Sul paulistana e a classe média-alta das regiões centrais, João se construiu como um *self-made man* e portador privilegiado de um futuro imaginado, muito diferente da geração periférica anterior descrita por D’Andrea (2013) e Nascimento (2010), ressignificando-a em uma determinada direção e embalando-a em uma estrutura de sentimentos tipicamente contemporânea¹⁶.

Assim procederam também o Estado e as instituições, remodelando suas políticas públicas e programas de qualificação profissional (Guimarães, 2004; Rodrigues, 2009), acompanhando uma tendência global de impulso ao empreendedorismo. Ainda em 2001, a prefeitura de São Paulo, sob a gestão Marta Suplicy, desenvolveu duas categorias de programas sociais, então inovadores: os “Redistributivos” – programas de renda mínima condicionados a frequência escolar e de alocação no mercado de trabalho para recortes “vulneráveis”, sobretudo desempregados; e os “Emancipatórios”, que tinham como um de seus objetivos “a formação de empreendimentos coletivos e autogestionários”. Em 2004, o Ministério do Trabalho lançava o programa Jovem Empreendedor, desenvolvido junto ao Sebrae e voltado a estimular a entrada de jovens no mercado de trabalho. Por sinal, trata-se de momento concomitante àquele em que jovens periféricos começariam a se questionar sobre seu lugar no mundo diante da expansão da capacidade de consumo de grandes parcelas da população brasileira (Cardoso; Préteceille, 2017).

Entendo que uma das razões pelas quais esses discursos modernizantes ganham aderência é que jovens sem salário entrevistados para esta pesquisa, como João Vicente, têm uma visão muito negativa do mercado de trabalho, mas não do trabalho em si. É comum nos negócios de impacto social que seus agentes exerçam essas atividades em modo *full time*, entrecruzando trabalho com momentos de lazer. A diferença é que o veem *como empreendedorismo*, portanto justificável: isso significa para esses jovens uma ruptura com um conjunto de normas que incluem horários fixos de trabalho e com a subordinação a um patrão, mas também com um sentido transformador de realidades desaparecido com a sociabilidade anterior¹⁷.

O caso de João ilustra outras contradições para além dele mesmo. Por exemplo, encontrei-o por ocasião do 2º Fórum Negócios de Impacto da Periferia (NIP), sediado na paróquia dos Santos Mártires, conhecido centro católico progressista do Jardim Ângela, também na periferia da zona Sul. O encontro contou com mesas de debate, apresentações de artistas, almoço e *coffee break* sustentáveis, discursos engajados combinados com dinâmicas ao estilo corporativo. Realizado por uma produtora cultural local e por uma “aceleradora” de negócios de impacto social, o evento teve apoio do Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do British Council, da Fundação Lemann e da Fundação Via Varejo, entre outros. Nas paredes destacavam-se quadros do Papa Francisco, de Marielle Fran-

16 | Para Williams (2011), estruturas de sentimentos são a consciência prática de um momento, e se constituem em uma prática geracional. Diferem da experiência social, caracterizada especialmente pelas formas sociais dominantes e residuais.

17 | Mano Brown via na sua geração o que ele chamou de “uma ideia de ONG”, em que *trabalho e organização* eram necessários na busca concreta por liberdade, igualdade e contra a exploração e a opressão. De acordo com Felipe Campos, as condições econômicas e o acesso às políticas públicas que foram a marca das gestões petistas nos governos de Lula e Dilma mudariam a percepção da função do rap para a geração posterior (Campos, 2019).

co e de Che Guevara. A mistura de símbolos era extravagante ao olhar nostálgico das antigas lutas populares; dentro daquele espaço as discussões não passavam por aqueles ícones, mas tentavam conciliar engajamento e empreendedorismo.

São sinais evidentes de mundos sociais virados do avesso, em que experiências de trabalho (precário, por conta própria ou empreendedor) e cidade se entrelaçam como sugere Vera Telles (2006: 176), e que respondem “de que modo são redefinidas práticas sociais e as mediações que conformam uma experiência social sob outro diagrama de relações e outro jogo de referências”. João é um sujeito periférico que, além de empreendedor, circula por *pedaços* diferentes da cidade (Magnani, 2003), e suas oscilações se adaptam perfeitamente a este novo mundo revirado.

À falta ou rejeição de referências e exemplos de vida na família, jovens como ele se refugiam nas narrativas terapêuticas que interpretam seu sofrimento (Illouz, 2007). Estas se entrelaçam às suas curtas trajetórias preenchendo o espaço esvaziado de experiências de trabalho, conforme suas vidas profissionais são empurradas para a frente, promovendo aspirações de autorrealização. Parafraseando Fredric Jameson (1985), nada disso tem algo a ver com o empreendedorismo em si mesmo, que é antes um reflexo distorcido dos sonhos e sentimentos individuais acerca do trabalho não alienado. O empreendedorismo encarna uma utopia de uma vida sem trabalho, dialogando tanto com o malandro da cultura popular quanto com os gestores do mundo corporativo, personagens que não vendem seu trabalho, mas sim seus estilos de vida. Ele retira do “mundo sem culpa”, na expressão forjada por Antonio Candido (1970), o substrato de sua utopia.

Henrique Costa é pesquisador de Pós-doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA: Agradeço aos/às pareceristas pelas contribuições fundamentais ao formato final deste artigo.

FINANCIAMENTO: Capes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. 1996. *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press.

BECK, Ulrich. 2011. *Sociedade de risco*. São Paulo, Editora 34.

BECKERT, Jens. 2013. “Imagined futures: fictional expectations in the economy”. *Theory and Society*, 42(3): 219-240. <https://doi.org/10.1007/s1186-013-9191-2>.

BERGAMIN, Marta. 2015. “Juventude, trabalho e cultura periférica: a experiência da Agência Popular de Cultura Solano Trindade”. *Cadernos Adenauer*, XVI(1): 141-159.

BIONDI, Karina. 2014. *Etnografia no movimento: território, hierarquia e lei no PCC*. São Carlos, Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. 2006. *On justification: economies of worth*. Princeton, Princeton University Press.

BOURDIEU, Pierre. 2009. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.

CALDEIRA, Teresa P. R. 1984. *A política dos outros: cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense.

CALDEIRA, Teresa P. R. 2000. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34; Edusp.

CANDIDO, Antonio. 1970. “Dialética da malandragem”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 8: 67-89. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi8p67-89>.

CAMPOS, Felipe. 2019. *Cultura, espaço e política: um estudo da batalha da Matrix de São Bernardo do Campo*. São Paulo, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, USP. <https://doi.org/10.11606/D.100.2019.tde-21102019-111032>.

CARDOSO, Adalberto; PRÉTECEILLE, Edmond. 2017. “Classes médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando?”. *Dados*, Rio de Janeiro, 60(4): 977-1023. <https://doi.org/10.1590/001152582017140>.

CAVALCANTI, Mariana. 2009. “Do barraco à casa: Tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(69): 69-203. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100005>.

COSTA, Henrique. 2018. *Entre o lulismo e o ceticismo: um estudo com bolsistas do Prouni de São Paulo*. São Paulo, Alameda.

COSTA, Henrique. 2022. *Um lugar ao sol: utopia e sofrimento no empreendedorismo popular paulistano*. Campinas, Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

D'ANDREA, Tiarajú. 2013. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo, Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, USP. <https://doi.org/10.11606/T.8.2013.tde-18062013-095304>

DURHAM, Eunice. 1988. “A sociedade vista da

periferia”. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FERNANDES, Viviane. 2019. *Cuidando da saúde financeira: uma etnografia sobre endividamento*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

FELTRAN, Gabriel. 2011. *Fronteiras de tensão*. São Paulo, Editora da Unesp.

FONTES, Leonardo. 2022. “Histórias de quem quer fugir e de quem quer ficar: laços comunitários nas cambiantes periferias de São Paulo”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 37(109): 1-19. <https://doi.org/10.1590/3710902/2022>.

GUIMARÃES, Nadya A. 2004. *Caminhos cruzados: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. São Paulo, Editora 34.

HIRATA, Daniel. 2011. “Vida loka”. In: CABANES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele; TELLES, Vera. *Saídas de emergência*. São Paulo, Boitempo.

ILLOUZ, Eva. 2007. *Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo*. Buenos Aires, Katz.

JAMESON, Fredric. 1985. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. São Paulo, Hucitec.

KOSELLECK, Reinhart. 2006. *Futuro passado*. Rio de Janeiro, Contraponto.

LEITE, Elaine S.; MELO, Natalia M. 2008. “Uma nova noção de empresário: a naturalização do ‘empreendedor’”. *Revista de Sociologia e Política*, 16(31): 35-47. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782008000200005>.

LIMA, Diana. 2008. “Prosperidade na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus”. *Dados*, 51(1): 7-35. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582008000100001>.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. 2018. “Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho)”. In: CAVALCANTI, Mariana; MOTTA, Eugênia; ARAUJO, Marcela. (orgs.). *O mundo popular: trabalho e condições de vida*. Rio de Janeiro, Papéis Selvagens.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; MENEZES, Palloma Valle. 2019. “(Des)continuidades na experiência de ‘vida sob cerco’ e na ‘sociabilidade violenta’”. *Novos Estudos*, 38(3): 529-551. <https://doi.org/10.25091/S010133002019000300005>.

MAGNANI, José Guilherme. 2003. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec; Editora da Unesp.

NASCIMENTO, Érica P. 2010. “A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate”. *Revista Rua*, 16(2): 111-128.

NEIBURG, Federico. 2010. “Os sentidos sociais da economia”. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo, Anpocs/Barcarolla/Discurso Editorial, pp. 225-258.

PEREIRA, Alexandre B. 2014. “Rolezinho no sho-

pping: aproximação etnográfica e política”.

Revista Pensata, 3(2): 8-16.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. 2018. “Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo”. *Cadernos IHU Ideias*, 278(16): 1-24.

RODRIGUES, Leôncio M. 2009. *Industrialização e atitudes operárias: estudo de um grupo de trabalhadores*. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

ROY, Ananya. 2010. *Poverty capital*. New York, Routledge.

SADER, Eder. 1988. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

SCHUMPETER, Joseph. 1982. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo, Abril Cultural.

SKLAIR, Jessica; GLUCKSBERG, Luna. 2020. “Philanthrocapitalism as wealth management strategy: Philanthropy, inheritance and succession planning among the global elite”. *The Sociological Review*, 69(2): 259-499. <https://doi.org/10.1177/0038026120963479>.

SPOSITO, Marília; CORROCHANO, Maria Carla. 2005. “A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil”. *Tempo Social*, 17(2): 141-172. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200007>.

TELLES, Vera da Silva. 2006. “Mutações do trabalho e experiência urbana”. *Tempo Social*, 18(1): 173-195. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000100010>.

TELLES, Vera; HIRATA, Daniel. 2010. “Illegalismos e jogos de poder em São Paulo”. *Tempo Social*, 22(2): 39-59. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702010000200003>.

TOMMASI, Livia. 2015. “Culto da performance e performance da cultura: os produtores culturais periféricos e seus múltiplos agenciamentos”. *Crítica e Sociedade*, 5(2): 100-126.

ZALUAR, Alba. 1985. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense.

WILLIAMS, Raymond. 2011. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In: *Cultura e materialismo*. São Paulo, Editora Unesp.

Recebido em 24 de julho de 2023. Aceito em 3 de maio de 2024.



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001